

Ilustração e educação: uma leitura de Bernardo Guimarães¹

Luciano Mendes de Faria Filho*

Resumo

Este trabalho busca explicitar facetas importantes da cultura e do processo de escolarização no Brasil e, mais especificamente, em Minas Gerais, ao longo do oitocentos. Ele acompanha outros em que temos tentado trabalhar com fontes diversas (jornais, relatórios de diretoras e inspetores escolares, legislação escolar) buscando apontar para a importância destas para a história da educação e produzir uma inteligibilidade própria a cada uma delas. O texto traz à tona a discussão sobre a produção literária de um dos principais intelectuais mineiros do século XIX – o romancista Bernardo Guimarães –, buscando destacar a importância dos intelectuais no processo de escolarização nos últimos dois séculos.

Palavras-chave: Minas Gerais. Literatura. História. História da Educação.

Illustration and education: a reading of Bernardo Guimaraes

Abstract

This articles aims at explaining some important facets of the Brazilian culture and its schooling process, taken place especially in Minas Gerais throughout the 1800s. It follows in the footsteps of other studies as we try to gather data from several sources such as newspapers, records, schools' legislation and school directors' reports in an attempt to highlight both importance of both culture and schooling for the history of education and generate an understanding for each one of them. The article brings up to the table the works of one of the greatest intellectuals of Minas Gerais of the XIX century – the novel writer Bernardo Guimarães – in an attempt to highlight the intellectuals' importance for the schooling process throughout the two last centuries.

Keywords: Minas Gerais. Literature. History. History of Education.

* Prof. Dr. da Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Educação - Coordenador do PPGE.

Introdução

Este trabalho se insere num triplo esforço de investigação que tenho tentado realizar e/ou coordenar dentro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, da Faculdade de Educação da UFMG. Inicialmente, conforme eu já havia chamado a atenção noutra ocasião (Faria Filho, 1999), o trabalho com a obra de B. Guimarães significa uma possibilidade a mais de conhecermos algumas facetas importantes da cultura e do processo de escolarização no Brasil e, mais especificamente, em Minas Gerais, ao longo do oitocentos. Em segundo lugar, este texto acompanha outros em que temos tentado trabalhar com fontes diversas (jornais, relatórios de diretoras e inspetores escolares, legislação escolar), buscando apontar para a importância destas para a história da educação e produzir uma inteligibilidade própria a cada uma delas. Mesmo não sendo esta a idéia central aqui desenvolvida, não deixa esta de ser uma possibilidade interessante já que, como afirma Chalhoub (1998, p.8), “é preciso ponderar as características específicas da fonte literária.” Finalmente, este trabalho é parte do esforço por trazer à tona à discussão a produção literária, científica ou política de alguns intelectuais mineiros, buscando aquilatar a importância deste sujeitos no processo de escolarização nos últimos dois séculos. Para isso, além desta investigação sobre B. Guimarães estamos realizando também outra sobre outro mineiro, o bacharel, filósofo e político Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Sabemos que a questão da relação entre literatura e história e da compreensão daquela como fonte para a história é controversa e largamente discutida por historiadores e críticos literários os mais diversos (cf., por exemplo, CHALHOUB, 1998; LEENHART e PESSAVENTO, 1998; LIMA, 1986, 1991, 1989; CÂNDIDO, 2000)². Também na história da educação o tema tem se mostrado muito fecundo e tem sido objeto de reflexão de importantes pesquisadoras da área (GALVÃO, 1996; LOPES, 1998; NUNES, 1996).

Assim, por não ter contribuições inovadoras ao debate teórico-metodológico que cerca o assunto, acho por bem apenas remeter o leitor a tais textos, eles sim, de fundamental importância para a maior compreensão da questão em causa e, devo confessar, para que eu pudesse, com os limites que me são próprios, realizar o trabalho a que eu me propus.

Por outro lado, não posso deixar de explicitar, também, que tais questões não se impõem, aqui, apenas porque resolvi tomar a produção literária de B. Guimarães como uma possível fonte para o estudo do processo de estabelecimento da modernidade e da escolarização entre nós. Esta questão se impõe também porque, seguindo o cânone romântico, B. Guimarães quer, ele também, descobrir o Brasil e construir a nação. Não é por acaso, pois, que, em suas obras, ele buscará mostrar e, ao mesmo tempo, construir a história da nação brasileira, aproximando assim, as vezes de forma explícita e consciente, o fazer literário do fazer historiográfico. Tomemos dois exemplos.

No romance *Maurício*, escrito em 1877, e cuja história se passaria, nas Minas Gerais, no início do século XVIII, B. Guimarães alude à ocupação do território mineiro motivada pela descoberta do ouro e dos diamantes e às relações aí estabelecidas por paulistas, portugueses, escravos negros e índios e tribos indígenas. No primeiro capítulo, por exemplo, o narrador ao apresentar a obra aos leitores afirma:

A história dos primeiros tempos coloniais, incompleta e cheia de lacunas, bem pouco satisfaz no que diz respeito das primeiras explorações e descobertas.

Não ficou vestígio, nem documento algum de muitas cousas, que se passaram nessa época de atividade e agitação febril, desse viver inquieto e aventuroso dos primeiros íncolas do Brasil, abrasados na sede do ouro e, procurando-o na América com o mesmo modo açodamento com que o povo hebreu morrendo de sede, procurava uma gota de água pelos tórridos areais dos país de Horeb. Pouco se sabe das contínuas lutas travadas entre si mesmos, já com os filhos da metrópole, já com as hordas de indígenas, as feras e a natureza selvática da terra americana.[...]

O cronista das eras que foram, mal pode colher aqui e ali nos lábios dos velhos ou em algumas escassas notícias escritas uma lenda obscura, um conto mutilado, em que todavia sempre ressumbra um pouco de espírito daqueles homens tão singulares, daquela época tão curiosa (Maurício. p.13)

A mesma estratégia é retomada em *O ermitão de Muquém*, em cujas palavras *Ao leitor* o narrador, ao anunciar a intenção do romance, afirma:

Os usos e costumes dos povos indígenas do Brasil estão envoltos em trevas, sua história é quase nenhuma, de suas crenças apenas restam noções isoladas, incompletas e sem nexos. O realismo de seu viver nos escapa, e só nos resta o idealismo, e esse mesmo mui vago, e talvez em grande parte fictício. Tanto melhor para o poeta e o romancista; há largas ensanchas para desenvolver os recursos de sua imaginação. (Ermitão. p. 24)

Assim, num e noutro caso, o autor lançando mão de recursos estilísticos e discursivos quer propor/criar um sentido para o seu texto e, em conseqüência, para a leitura do mesmo: o de contribuir, mesmo que imaginariamente, para o preenchimento de certas lacunas no conhecimento daquele *outro* que torna possível que nos reconheçamos com um *nós* nacional ou racial, seja este outro representado pelo passado ou pela cultura desconhecida dos povos indígenas.

Do autor e sua obra:

- Dados biográficos: Nasceu em Ouro Preto em 15 de agosto de 1825, vindo falecer, nesta mesma cidade, em 10 de março de 1884; 1829-1842 mora em Uberaba onde estuda as primeiras letras; estuda a seguir no seminário de Campo Belo, para cursar humanidades; forma-se em Ouro Preto no Colégio do Pe. Leandro; 1847 matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, tornando-se amigo inseparável de Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa; 1852, bacharelou-se;

- Ocupações: de 1852 a 1854 foi Juiz Municipal e de órfãos do termo de Catalão, em Goiás; 1858, muda-se para a Corte, onde trabalha, até 1860, de jornalista e crítico literário no jornal *Atualidade*; 1861-63, retorna a Catalão para trabalhar novamente como Juiz Municipal e de órfãos: convoca júri e absolve presos devido aos maus tratos a que eram submetidos, sendo por isso processado pelo Presidente da Província; 1864-1865, volta a viver na Corte; 1866-67, trabalha como professor de Retórica e Poética do Ginásio Mineiro; suprimida as cadeiras, fica sem ocupação; 1873, é nomeado pelo governo mineiro para lecionar Latim e Francês em Queluz, Minas Gerais

- **Obras que aqui serão discutidas:**

- Romances e novelas;
- *O ermitão de Muquém*³, 1869;
- *O seminarista*, 1872;
- *História e tradições de Minas Gerais*⁴, 1872;
- *O garimpeiro*, 1872;
- *A escrava Isaura*, 1875;
- *Maurício ou Os paulistas em São João del-Rei*, 1877;

- **Além dessas obras, trabalharei com:**

- *Poesias Completas de Bernardo Guimarães*, publicadas entre 1852 e 1883, e reunidas por Alphonsus de Guimarães Filho, em 1959, em livro publicado pelo Instituto Nacional do Livro;
- *Poesia erótica e satírica de Bernardo Guimarães*, publicadas no

mesmo período e reunidas por Duda Machado, em 1992, em livro publicado pela Imago.

- Opinião da crítica

Apesar de reconhecerem o enorme sucesso, de público, da produção literária de Bernardo Guimarães, a crítica e a história literária mostram-no como autor de uma obra bastante controversa. Romântico por excelência, o lugar e a importância da obra de Bernardo Guimarães é objeto de discussões entre nossos principais historiadores da literatura e críticos literários. Seja ressaltando a qualidade superior de suas poesias em relação aos seus romances e novelas, seja acentuando o caráter inovador de seus escritos ou chamando a atenção para a apropriação feita por ele de modelos românticos nacionais ou estrangeiros, sua obra é, ainda hoje, objeto de atenção de autores como Luiz Costa Lima (1991), Flora Süssekind, dentre outros.

Segundo Lima (1991, p. 24) “para o cânone oficial relativo ao romantismo brasileiro, Bernardo Guimarães é poeta de segunda ordem.” Para demonstrar tal afirmação, passa em revista as produções de Silvio Romero e José Veríssimo, chamando a atenção para a permanência desta posição na história da literatura brasileira. Também Nelly Novaes Coelho (1982, p. 22), chama a atenção para o que chama de “equivocos da crítica” no tratamento dado ao romancista Bernardo Guimarães, equivocados estes que iriam desde a crítica à sua suposta pouca contribuição à literatura nacional, pois seria autor de apenas dois livros – *A escrava Isaura* e *O seminarista* -, até a identificação de Guimarães como um imitador de José de Alencar e, por outro lado, como um “contador de histórias” mais do que um verdadeiro escritor.

Neste texto vamos empreender uma leitura introdutória às obras acima indicadas, procurando explicitar e analisar o que nelas é posto em circulação acerca da ilustração e dos processos de educação. Sei que existem imensas lacunas a serem preenchidas e pistas a serem investigadas e a apresentação deste trabalho é um convite ao diálogo e ao aprofundamento crítico acerca da obra de uma dos mais importantes escritores românticos do nosso país.

Ilustração e educação

A questão da ilustração, da ciência e do iluminismo está marcadamente presente em toda a produção de B. Guimarães. Ela está presente, inicialmente, no poema *O devanear do céptico*, de 1852. O poema é um grande lamento à saída da ingenuidade pela utilização da razão e pela descoberta da dúvida. A ciência, aqui, é vista como um veneno que, depois de provado, traz a incerteza e a impossibilidade da tranqüilidade. Dizia o poeta:

“Oh! feliz quadra aquela, em que eu dormia
Embalado em meu sono descuidoso

No tranqüilo regaço da ignorância;
Em que minh'alma, como fonte límpida
Dos ventos resguardada em quieto abrigo,
Da fé os raios puros refletia!
Mas num dia fatal encosto à boca
A taça da ciência; - senti sede
Inextinguível a crestar-me os lábios;
Traguei-a toda inteira, - mas encontro
Por fim travor de fel; - era veneno,
Que no fundo continha, - era incerteza!
Oh! desde então o espírito da dúvida
Como abutre sinistro, de contínuo
Me paira sobre o espírito, e lhe entorna
Das turvas asas a fúnebre sombra!
De eterna maldição era bem digno
Quem primeiro tocou com mão sacrílega
Da ciência na árvore vedada,
E nos legou seus venenosos frutos." (Poesias. p. 41)

Mais à frente ele continuava afirmando:

"Dúvida - eis a palavra que eu encontro
Escrita em toda a parte; - ela na terra,
E no livro dos céus vejo cravada,
É ela que a harmonia das esferas
Estoa sem cessar a meus ouvidos."(Poesias. p. 42)

[...]

"Filosofia, dom mesquinho e frágil,
Farol enganador de escasso lume,
Tu só geras um pálido crepúsculo,
Onde firam fantasmas nebulosos,
Dúbias visões, que o espírito desvairam
Num caos de intermináveis conjeturas.
Despedaça essas páginas inúteis,
Triste apanágio da fraqueza humana,
Em vez de luz, amontoando sombras
No santuário augusto da verdade.
Uma palavra só talvez bastara

Para saciar de luz meu pensamento;
Essa ninguém a sabe sobre a terra!..." (Poesias. p. 43)

Já no poema *Dilúvio de Papel*, cujo título, não por acaso, vem seguido do esclarecimento, *Sonho de um jornalista poeta*, não é apenas a razão como elemento esclarecedor e confortador do homem que é posta em dúvida pelo poeta; também o é uma das principais formas de colocá-la em circulação: o impresso. Neste poema, possivelmente escrito entre 1859 e 1860, época em que B. Guimarães trabalhava no jornal *Atualidade*, no Rio de Janeiro, o autor faz, talvez, uma das críticas mais contundentes à cultura que se respirava naquela segunda metade dos XIX que se iniciava. Familiarizado com os jornais e com a prática jornalística que, desde há muito, prometia ilustrar e educar o povo, poeta acaba por chamar a atenção, ao cabo, para o quanto parecia ser efêmera tal promessa, apesar do grande número de publicações.

Inicialmente, o narrador afirma à Musa que abandonara a poesia porque...

"Esse ofício, que ensinas, já não presta;
Vai tocar tua lira em outras partes;
Que aqui nestas paragens só têm voga
Comércio, indústria e arte." (Poesias. p. 114)

E a Musa, por sua vez, o castiga enviando um estranho castigo: um dilúvio de papel, o qual atinge todo o mundo e ameaça o narrador, que assim o descreve:

"E através das ondas, que recrescem
A cada instante, e os ares escurecem
De Mercantis, Correios e Jornais,
De Ecos do Sul, do Norte, de Revistas,
De Diários Constitucionais,
De Coalizões, de Ligas Progressistas,
De Opiniões, Imprensas, Nacionais,
De Novelistas, Crenças, Monarquistas,
De mil Estrelas, Íris, Liberdades,
De mil Situações, e Atualidades;
Através das Gazetas de mil cores,
De Correios de todos os países,
De Crônicas de todos os valores,
De Opiniões de todos os matizes,
De Ordens, Épocas, Nautas, Liberais,
De Estrelas do Norte, e outros que tais..." (Poesias. p.

118)

E continua:

“Para a triste humanidade
Não resta mais esperança;
O dilúvio cresce, e avança,
Leva tudo a tropel!...
Já imensa papelada
As terras e os mares coalha;
Já o globo se amortalha
Em camada de papel.
Mas sobre elas resvalando
Vai jogando meu batel

Pobre idade testemunha
Desta pavorosa cheia
Que dos tempos na cadeia
Vê quebrar-se o extremo anel!...
Oh! século dezenove,
Ó tu, que tanto reluzes,
És o século das luzes,
Ou século do papel?!...” (Poesias. p. 122)

No sonho do poeta, os jornais, que tanto prometiam iluminar, bem ao espírito de um século das luzes nos trópicos, mostravam-se, nada mais nada menos, do que uma grande ameaça para a *triste humanidade*.

Também nos romances essa questão aparece. Ao tratar do assunto, o autor traz para dentro de sua obra toda a tensão que marca as discussões no momento em que escreve, notadamente com relação à religião. Uma das indagações que parecem animar B. Guimarães é se sobre a possibilidade de compatibilizar a ilustração com as verdades e práticas religiosas.

No romance *Maurício*, num determinado momento da história, quando os portugueses intencionavam prender o índio Irabussú para dele saber o local de uma rica mina e, assustados, pensando que ele havia se transformado em gato, chamam-no de duende, bruxo e de outros adjetivos, o narrador comenta: “Estou certo que o leitor não será tão simples e crédulo como aqueles bons campônios de Portugal, que tanto acreditavam em bruxarias e visões sobrenaturais...” (MAURÍCIO. p. 138)

Noutra ocasião, na introdução ao *Ermitão...* ao falar da prática das romarias e das capelas existentes para onde os romeiros sistematicamente se dirigiam, o narrador chamava a atenção para a atenção para o fato de que:

“Os filósofos do século, os apóstolos da descrença riem-se com desdém dessas ingênuas e tocantes crenças do povo. Todavia seus engenhosos raciocínio, seus sistemas transcendentais, não podem substituir essa fé viva e singela, que alenta e consola o homem do povo nos trabalhosos caminhos da vida. Embora envolvida no cortejo de mil superstições grosseiras, de mil tradições absurdas, deixemos-lhe essa fé, que o acompanha desde o berço, que bebeu com o leite materno, e que o consola em sua hora extrema. Seja embora um erro, é um erro consolador, que em nada prejudica ao indivíduo nem à sociedade; a esses filósofos poderíamos responder parodiando aqueles versos que Camões põe na boca de Adamastor:

E o que vos custa tê-los nesse engano

Ou seja sombra, ou nuvens, sonho ou nada?... (Maurício. p. 2607)

Vê-se que, sem deixar de conceber tais práticas como *superstições grosseiras, de mil tradições absurdas* e como um grande erro, ressalta-se o papel desta fé, aprendida desde o berço, para o consolo do crente, animando-o nos *trabalhosos caminhos da vida*. Neste sentido, a crítica dirigida ao filósofos não poderia deixar de ser mais contundente: o que a suas críticas à religião do povo poderia oferecer a este mesmo povo como consolo?

No entanto, se havia uma indulgência para com as práticas religiosas do povo, nem sempre acontecia o mesmo com a igreja. Como veremos mais à frente ao tratar da educação de Eugênio, o herói de *O seminarista*, B. Guimarães colocava em circulação uma contundente críticas às formas encontradas pela igreja para educar as novas gerações e, mesmo, a algumas das mais importantes instituições católicas, como o celibato. Também em suas poesias satíricas os religiosos apareciam de forma muito pouco elogiosas. Veja-se, por exemplo, o poema *A orgia dos duendes* (GUIMARÃES, 1992. p. 31-41).

Neste poema o autor relata uma estranha “reunião” que acontece a meia-noite em uma floresta. Sua primeira estrofe diz o seguinte:

“Meia-noite soou na floresta

No relógio de sino de pau;

E a velhinha, rainha da festa,

Se assentou sobre o grande jirau..”

A seguir o poeta vai nomeando quem chega: o *Lobisomem*, a *Taturana*, a *Getirana*, a *Mamangava*, o *Galo preto*, a *Mula-sem-cabeça* e vários outros interessantes convidados. Após a chegada de todos, cada um se apresenta. Vejamos algumas das apresentações em que os religiosos são citados:

“Taturana

Dos prazeres de amor as primícias
Do meu pai entre os braços gozei;
E de amor as extremas delícias
Deu-me um filho, que dele gerei.

Mas se minha fraqueza foi tanta
De um convento fui freira professa;
Onde morte morri de uma santa;
Vejam lá, que tal foi exata peça.

Getirana

Por conselho de um cônego abade,
Dous maridos na cova soquei;
E depois por amores de um frade
Ao suplício o abate arrastei.

[...]

Galo-preto

Como frade de um santo convento
Este gordo toutiço criei;
E de linda donzelas um cento
No altar da luxúria imolei.

Mas na vida beata de ascético
Mui contrito rezei, jejei,
Té que um dia de ataque apoplético
Nos abismos do inferno estourei.

[...]

Mula-sem-cabeça

Por um bispo eu morria de amores

Que afinal meus extremos pagou
Meu marido, fervendo em furores
De ciúmes, do bispo matou.

[...]

Crocodilo

Eu fui papa; e aos meus inimigos
Para o inferno mandei c'um aceno;
E também por servir aos amigos
Té nas hóstias botava veneno.

De princesas cruéis e devassas
Fui na terra constante patrono;
Por gozar de seus mimos e graças
Opiei aos maridos em sono.

Eu na terra vigário de Cristo,
Que nas mãos tinha a chave do céu,
Eis que um dia de um golpe imprevisto
Nos infernos caí de boléu.”

Como se vê, aos olhos do poeta, o comportamento social do clero não era muito recomendável!!!!

• **A educação das mulheres**

Pode-se delinear um número bastante grande de imagens de mulheres nas obras analisadas. As mulheres são *mães, irmãs, amantes, escravas, índias, anjos, criaturas divinas, Evas, crianças, loucas, virgens, prostitutas, professoras, trabalhadoras...* Ao construir, nos romances, as imagens de mulheres, B. Guimarães não deixa de explicitar os aspectos relacionados à sua educação e, ao fazê-lo, configura um certo modelo de educação feminina para a época. Tal modelo, bastante complexo, contrasta muitas vezes com aquele comumente vulgarizado pela literatura acadêmica como incluindo apenas, quando muito, o ler, escrever e costurar. Nos livros de B. Guimarães as mulheres sabem mais ler do que escrever, apesar de muitas das heroínas dominarem ambas as competências, e todas sabem costurar; mas a educação das mulheres, como veremos, abrange muito mais do que isto.

Iniciemos pela escrava Isaura. Em certo momento do livro, Malvina, a esposa de Leôncio, repreendendo a Isaura por seu canto triste, diz:

“Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar, que é maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto, passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-lhe uma educação, como não tiveram muitas ricas ilustres damas que conheço”. (Isaura. p. 10)

O que seria, no entanto, tal educação? Comentando que a mulher do comendador cuidou da educação de Isaura, diz-se:

“À medida que a menina foi crescendo e entrando em idade de aprender, foi-lhe ela mesma ensinando a ler e escrever, a coser e a rezar. Mais tarde procurou-lhe também mestres de música, de dança, de italiano, de francês, de desenho, comprou-lhe livros, e empenhou-se enfim em dar à menina a mais esmerada e fina educação, como faria com uma filha querida.” (Isaura. p. 17)

No caso de Isaura, uma escrava, no entanto, como se poderia prever, a educação poderia ser vista, por alguns, como um perigo. Pelo menos para Leôncio, era. Assim, depois de Isaura dizer que não lhe faltarão meios e coragem de ficar livre do seu senhor, o próprio Leôncio, como se sabe, este diz: “Eis o proveito que se tira de dar educação a tais criaturas! Bem mostras, que és uma escrava, que vives de tocar piano e ler romances. Ainda bem que me prevenistes; eu saberei gelar a ebulição desse cérebro escaldado.” (ISAURA. p. 74)

Em outros romances também se fala da educação da mulheres. Lúcia, de *O garimpeiro*, sabe ler e escrever e utiliza tais competência para se comunicar, às escondidas, com seu amado Elias, o qual sabe ler, escrever e contabilidade, lê Rousseau e sabe a história das cavalhadas, dentre outros assuntos.

Também no romance *A filha do fazendeiro*, explicita-se como se deu a educação da heroína:

“Além das perfeições que recebera da natureza, Paulina tinha tido uma educação acurada e a mais completa que naqueles tempos em nosso país se podia dar a uma menina. Ainda em tenros anos tinha sido enviada para um colégio em S. João del-Rei, onde a gentil sertaneja recebeu com muito aproveitamento lições de leitura, música, dança, e aprendeu as maneiras de uma sociedade um pouco mais polida do que era a Uberaba naqueles tempos.” (História. p. 20-1)

Em *O Seminarista*, enquanto o menino era enviado para o colégio,

assim era feita a educação da menina Margarida: “À medida que a menina ia crescendo, a senhora Antunes, como boa madrinha que era, ia-lhe ensinando o que a sua tenra idade comportava, e desde os cinco anos lhe pôs nas mãos a agulha e o dedal.”(SEMINARISTA. p. 17)

Depois de passar dois anos no colégio, Eugênio põe-se a ensinar Margarida a ler. Tal situação é descrita da seguinte forma:

“Eugênio não mentia, quando disse à sua mãe que ensinava a ler a companheira de infância. O viandante, que por ali transitasse aquela, época, teria por vezes a ocasião de contemplar à sombra das paineiras junto à pontezinha de que já falamos, um curioso e interessante grupo: um esbelto rapagote de cerca de doze anos assentado na grama, e com um braço passado sobre o ombro de uma gentil menina um pouco mais nova, apontando as letras do alfabeto. (Seminarista. p. 20)

Em outros romances, imaginava-se a educação das meninas índias, ora pelo brancos, ora no interior da própria comunidade indígena. No caso da primeira situação, ressalta-se a educação de Judaíba pela branca Leonor, em *Maurício* e da mestiça *Jupira*, que vivera longos anos entre os índios, por seu pai. O primeiro caso é assim descrito pelo narrador:

“Como sabemos, apenas o velho bugre partiu com sua escolta, Leonor, que condoída da sorte da pobre cabocla se interessava vivamente por ela, a tinha tirado da prisão, em que até ali estivera encerrada em companhia de seu pai, Leonor tomou a seu cuidado transfigurá-la completamente; deu-lhe alguns vestidos mais decentes, penteou ela mesma os cabelos ásperos e corredios da índia, perfumou-se e trançou dando-lhes a cor luzidia da plumagem do assú, enfeitou-lhe o colo, a fronte e os braços com algumas jóias e adereços de pouco valor, e em poucas horas transformou a brinca e seminua virgem da floresta em linda e faceira rapariguinha. (Maurício. p. 221)

Logo depois, no mesmo romance, a educação da jovem índia é justificada de outra forma: pela falta de irmão e pela busca companhia para e pela jovem branca.

“Nestas conjunturas veio-lhe à idéia, que a jovem indígena poderia bem até certo ponto suprir o vácuo, que em torno dela reinava, e encher-lhe mais agradavelmente o tempo, que tão enfadonho lhe corria. Desvelar-se-ia em educá-la para a sociedade; ensinar-lhe-ia a ler, cozer, a rezar; a menina seria sua discípula, sua catecúmena, sua irmã mais moça. Isto ao mesmo tempo que seria para ela um

honesto passatempo, que lhe ia tornar mais suportável a ociosa e solitária existência, que levava, seria também uma obra meritória aos olhos de Deus e dos homens.” (Maurício. p. 223)

No que se refere a Jupira, tal como seus companheiros de tribo e de vida errática, a menina não se sujeitava facilmente às práticas educativas e, porque não, disciplinares impostas por seu pai. Nota-se, no texto abaixo, que, aqui também, atuava o modelo anterior. Chama a atenção o fato de que o pai de Jupira ensina-lhe a escrever, o que não era muito comum nos romances de B. Guimarães: mais de uma vez narra-se o aprendizado e a prática da leitura pelas mulheres, mas raramente o mesmo acontece com a escrita.

“A menina crescia linda, engraçada, e travessa como uma ariranha. Tinha muita vivacidade e penetração, mas os instintos selváticos prevaleciam nela, e foi com muita dificuldade, que seu pai no fim de sete anos conseguiu que ela adquirisse alguns costumes de civilização, andasse vestida, cosesse, lesse e escrevesse algumas coisa. Muitas vezes a iam agarrar pelos matos quase nua, trepada como macaco na mais altas árvores, ou nadando nos profundos remansos do Rio Verde em risco de ser devorado por algum jaú ou sucuri.”(Tradições. p. 146)

Não deixa de ser contrastante com a educação das mulheres no civilizado, dentro da obra de B. Guimarães, a forma como ele constrói a educação da jovem índia Guaraciaba. Conduzida sob a responsabilidade de um homem, feiticeiro Andiará, a educação desta jovem nada lembra o recato da educação das meninas brancas. Dizia-se que:

“Andiará votava paternal afeição à filha do cacique, sobre cuja infância velara desde o berço com a mais terna solicitude. Tendo ela ainda em tenra idade perdido a mãe, a linda e donosa Naumá, Andiará, parente e amigo fiel e extremoso de Oriçanga, a cuja família julgava estar ligada a glória da nação dos Chavantes, tomou a si o cuidado de educar e desenvolver os dotes do corpo e do espírito da gentil menina, última progênie de uma raça de heróicos caciques, e em quem repousava toda a esperança a tribo. Ele a tinha sempre junto a si, e a conduzia pela mão em seus giros pelas florestas; ele entretecia com suas própria mãos vistosos canitares de plumas ondulantes para sombrear-lhe a fonte, e lhe engastava o cinto da aração de palhêtas de ouro nativo e de brilhantes pedrarias. Também a exercitava na arte de encurvar o arco, de brandir o tacape, defender com os ombros as águas das torrentes, ou impedir rapidamente com o remo um piroga a resvalar pela ondas azuladas de seu rio natal; ensinava-lhe as danças e cantigas sagradas, e os hinos de guerra,

dando-lhe uma educação toda varonil na esperança de torná-la um dia uma heroína capaz de elevar a nação ao mais subido auge de glória e de grandeza.” (Ermitão. p. 80)

• **A educação dos homens**

No que se refere à educação dos homens, é interessante notar que, B. Guimarães, homem escolarizado, vai construir poucas possibilidades para as histórias educacionais para seus personagens masculinos: ou terão uma educação bastante solta ou serão educados nos seminários. Ambas mostrar-se-ão bastante desastrosas, como veremos. Parece confirmar tal perspectiva o fato de que, dentre seus personagens masculinos, o que melhor sorte tem, o Elias, d' *O garimpeiro*, que sabe ler e escrever, sabe matemática e contabilidade, é leitor de Rousseau e sabe em profundidade, como já vimos, a história das cavalcadas, sobre sua educação nada se diz.

Veja-se, no entanto, como foi a educação de alguns de seus outros personagens masculinos. Maurício, personagem título de um dos romances, tendo fiado órfão foi adotado por Diogo Mendes, o capitão-mor que, posteriormente, transferiu-se para as Minas Gerais. Assim se descreve a sua educação:

“Era um belo menino, cheio de vivacidade e inteligência. Interessando-se vivamente pelo órfão, que de dia em dia desenvolva novos dotes e espírito, e excelentes qualidades de coração, Diogo Mendes o fez entrar para o colégio dos jesuítas, afim de ser educado para o estado clerical. Aí esteve por três ou quatro anos, durante os quais aqueles padres, apreciando a inteligência claro, o espírito vivaz e penetrante, e a índole audaciosa, que o menino então adolescente ia revelando em sumo grau, achando que ali havia massa para se formar um excelente missionário de Loiola, empregaram grandes esforços em atraí-lo ao seu grêmio. Foi tudo em balde; o menino não havia nascido para a roupeta. Havia nele um elemento, que se opunha diametralmente à obediência passiva, essa condição cordial imposta aos discípulos de S. Inácio. Era um extremo amor da independência, uma rebeldia indomável contra todo e qualquer jugo. (Maurício. p. 38)

Já Leôncio, o vilão d' *A escrava Isaura*, teve a seguinte educação:

“Leôncio achava desde a infância nas larguezas e facilidade de seus pais amplos meios de corromper o coração extraviar a inteligência. Mau aluno e criança incorrigível, turbulento e insubordinado, andou de colégio em colégio, e passou como gato por brasas por cima de todos os preparatórios, cujos exames todavia sempre

achavas à sombra do patronato. Os mestres não se atreviam a dar ao nobre munífico comendador o desgosto de ver seu filho reprovado”.(Isaura. p. 13)

Como jovem rico que era, seu percurso educacional foi marcado ainda pela matrícula na escola de medicina, da qual saiu por desinteresse, e na faculdade de direito de Olinda, na qual também não conclui o curso. Em seguida, vai para a Europa, onde ao invés de estudar fica passeando e tomando contato com ambientes e figuras poucos recomendáveis socialmente, segundo o narrador. ... percursos dos filhos das gentes ricas. Para trazê-lo de volta, o pai acena com um bom casamento. Segundo o narrador:

“Leôncio mordeu a isca e voltou à pátria um perfeito dândi, gentil e elegante como ninguém, trazendo de suas viagens, em vez de conhecimentos e experiência, enorme dose de fatuidade e petulância e um tão perfeito traquejo da alta sociedade, que o tomaríeis por um príncipe. Mas o pior era que, se trazia o cérebro vazio, voltava com a alma corrompida e o coração estragado por hábitos de devassidão e libertinagem”.(Isaura. p. 14)

Também a educação de Gonçalo, d’*O Ermitão...*, é marcada pela ausência da direção familiar, numa reiterada representação sobre a educação dos jovens ricos na obra de B. Guimarães, como já vimos. No romance, a apresentação do personagem se dá da seguinte forma:

“Era filho de pais abastados e de família; porém educado à larga, abandonado desde a infância a si mesmo, sempre em meio de más companhias, dotado além de tudo de índole inquieta e fogosa, este rapaz, que poderia ser um homem de bem e útil à sociedade, se uma educação regular tivesse dado salutar direção aos instintos de sua natureza, foi-se tornando um valentão famoso, talhado a molde para as galés ou para o patíbulo.

Gonçalo, que assim se chamava, aplicou-se com ardor desde criança ao manejo de armas de toda a qualidade, a domar animais bravos, a caçar, a nadar, enfim a toda sorte de exercícios do corpo os mais rudes e perigosos.

E de feito neste ponto sua educação foi completa; ...”(Ermitão. p. 33)

Eugênio (*O seminarista*) saiu de casa aos 9 anos para estudar na cidade vizinha, vinha em casa no fim de semana. Pouco mais de dois anos depois, ele é enviado para o seminário. A mudança do ambiente de casa para o novo regime educativo, é descrito como uma passagem do espaço aberto para o fechado.

“Eis o nosso herói transportado das livres e risonhas

campinas da fazenda paterna para a monótona e austera prisão de um seminário no arraial de Congonhas do Campo, de barrete e sotaina preta, no meio de uma turba de companheiros desconhecidos; como um bando de anus pretos encerrados em um vasto viveiro.” (Seminarista. p. 21)

Tal idéia é retomada logo depois, utilizando-se, agora, da idéia do *cenário* onde o artista, ou os padres, traçam ou moldam sua criação (ou criatura).

“Eis o novo cenário, a que havemos transportado o nosso herói. O espetáculo não podia deixar de ser curioso e interessante, e nem a nova fase da vida em que ia entrar deixaria de ter encantos para um menino que tanto gostava das práticas de devoção religioso, e tão forte tendência mostrava para o misticismo. Contudo, aquele filho do sertão, acostumado a percorrer os campos e bosques da fazenda paterna, não pode a princípio deixar de estranhar a severa reclusão e imprescritível regularidade daquela vida monótona e compassada do seminário. Mas, o gênio pacato e a extrema docilidade de Eugênio, ajudados pela bossa da beatividade ou veneratividade, que tinha muito desenvolvida, fizeram com em menos tempo do que qualquer outro se habituasse e tomasse gosto mesmo pelo seu novo gênero de vida, como se fosse o elemento m que nascera”. (Seminarista. p. 23)

Observe-se que, não por acaso, será este menino “pacato” e “dócil” que, ao contrário dos outros que tiveram uma educação desregrada, terá um fim trágico – a loucura – justamente por não conseguir desvencilhar-se do projeto para ele arquitetado pela família e pela igreja.

• **A educação física, moral e intelectual**

Finalmente, outro elemento para o qual podemos chamar a atenção é para a interdependência estabelecida por B. Guimarães entre a educação física, a moral e a intelectual. Como sabemos tal perspectiva, sistematizada, dentre outros, por Kant, era muito conhecida no Brasil dos oitocentos através da leitura de diversas obras, notadamente das de H. Spencer.

A partir de meados do século XIX, ganhou força nos variados discursos sobre a educação a idéia de que no entrelaçamento das três dimensões básicas da “educação integral” – a moral, a física e a intelectual – um dos elementos determinantes era o fator hereditário. Este caldo de cultura aparece obviamente na obra de B. Guimarães. Assim, n’*A escrava Isaura*, depois de falar da paixão que Leôncio passou a cultivar por Isaura, apesar de ser casado com um jovem e linda mulher, diz-se que “Leôncio era um digno herdeiro de todos os maus instintos e da brutal devassidão do comendador.”

(Isaura. p. 21)

No entanto, é n' *O seminarista*, ao falar da educação de Eugênio, que o autor vai produzir uma impressionante e, ao mesmo tempo, muito negativa visão da educação nos colégios internos, notadamente nos seminários. Como que estabelecendo um diálogo com as correntes higienistas da época, o narrador assim fala da educação recebida por Eugênio no seminário, bem como do resultado na mesma sobre o rapaz.

“No fim de algum tempo, Eugênio estava magro, pálido, alquebrado, que mais parecia uma múmia ambulante. Tinha-se de todo amortecido o brilho de seus grandes olhos azuis, e profunda palidez cobria-lhe o rosto magro. O adolescente de dezesseis anos parecia um ancião às bordas da sepultura.

Estes estragos físicos não deixaram também de repercutir de um modo deplorável no moral e na inteligência. ...”
(*Seminarista*. p. 36)

“À força de trabalhos e insônias, de orações, jejuns e mortificações continuadas, caiu em tal estado de prostração, de atonia física e moral, que embotando-se-lhe de todo a sensibilidade e quase extinto o lume da inteligência, o rapaz ficou como que reduzido a um autômato.”(*Seminarista*. p. 36)

“Eis como uma educação fanática e falseada, abusando de certas pré-disposições do espírito, lança naquela alma o germe de uma luta íntima e cruel, que fará o tormento de toda a sua vida e o arrastará talvez à última desgraça, se a misericórdia divina dele não se amercear.”
(*Seminarista*. p. 37)

Noutra ocasião, ao comentar o acanhamento de Eugênio quando, em visita à sua família, não consegue conversar com seus entes mais queridos, o narrador volta à carga e diz:

“A educação claustral é triste em si e em suas conseqüências: o regime monacal, que se observa nos seminários, é mais próprio para formar ursos do que homens sociais. Dir-se-ia que o devotismo austero, a que vivem sujeitos os educando, abafa e comprime com suas asas lóbrega e geladas naquelas almas tenras todas as manifestações espontâneas do espírito, todos os vôos da imaginação, todas as expansões afetuosos do coração.

O rapaz que sai de um seminário depois de ter estado ali alguns anos, faz na sociedade a figura de um idiota.

Desazado, tolhido e desconfiado, por mais inteligente e instruído que seja, não sabe dizer duas palavras com acerto e discrição, e muito menos com graça e afabilidade. E se acaso o moço é tímido e acanhado por natureza, acontece muitas vezes ficar perdido para sempre.” (Seminarista. p. 41)

Podemos perceber, pois, uma visão bastante crítica acerca da educação nos colégios religiosos. Tal educação, ao fim e ao cabo, acabava por mutilar a própria humanidade, não apenas impedindo a realização de legítimos projetos de vida dos sujeitos a ela submetidos mas, corroendo o caráter, a inteligência e a saúde física dos meninos.

Para finalizar, é preciso ressaltar que, de um modo geral, assim como Bernardo Guimarães utiliza-se de suas várias sensibilidades e competências – de bacharel, de professor, de juiz, de literato, de jornalistas, ... – para construir seus personagens, montar suas tramas e levar avante suas narrativas, ele participa também de toda as ambigüidades e contradições de seu tempo: a crença no progresso, na ciência e na ilustração de um modo geral, tem que conviver com a presença marcante da religião, as idas e vindas da vida política brasileira, a presença da escravidão... e de tudo o mais que marca aquele tão conturbado século XIX. Mais ainda: podemos dizer que, como literato, B. Guimarães, propôs formas peculiares de mostrar aquele momento e de compreender as relações sociais. Neste sentido, a produção aqui analisada, mostra um autor profundamente comprometido com o seu tempo e, ao mesmo tempo, profundamente cindido sobre as relações, os valores, os desejos, as esperanças compartilhados e abraçados. Também por isso, seus personagens e suas histórias nos fascinam tanto até hoje.

Referências

- AMORA, J. S. **O romantismo**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969, v. 2.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2000.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petropólis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M. (Orgs.) **A historia contada**: capítulos de história social da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, R. **A história cultural**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.
- COELHO, N. N. Sertanismo e regionalismo: Bernardo Guimarães. In: SEMINÁRIO JOÃO ALPHONSUS, 1982, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de MG, 1982.
- COUTINHO, A. (Dir.) **A literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955. v. I, t. 2.

FARIA FILHO, L. M. A legislação escolar como fonte para a história da educação. In: FARIA FILHO, L. M. (Org.) **Educação, modernidade e civilização**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Estado, cultura e escolarização em Minas Gerais no século XIX. In: VIDAL, D. G.; Souza, M. C. C. C. de. (Orgs.) **A MEMÓRIA E A SOMBRA: a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

GALVÃO, A. M. O. Problematizando fontes em história da educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 21, n. 2, 99-120, jul./dez, 1996.

GUIMARÃES, B⁵. **O ermitão de Muquém (1869); O garimpeiro (1872)**. São Paulo: Marins Ed., 1955.

_____. **O seminarista (1872)**. 22. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **História e tradições de Minas Gerais (1872)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976

_____. **A escrava Isaura (1875)** São Paulo: Círculo do Livro, [19--].

_____. **Maurício ou Os paulistas em São João del-Rei (1877)**. Rio de Janeiro: F Briguiet, 1941.

_____. **Poesias completas (1852-1883)**. Rio de Janeiro: INL, 1959. (Org.) Alphonsus de Guimarães Filho.

_____. **Poesia erótica e satírica (1852-1883)**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Org.) Duda Machado.

IANNI, O. Sociologia e literatura. In: SEGATO, J. A.; BALDAN, U. **Sociedade e literatura no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

JOBIM, J. L. (Org.) **Introdução ao romantismo**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

LAMEGO, V. Retrato de senhora: a imagem da mulher brasileira na pintura e literatura do século XIX. In: VIANNA, L. H. (Org.) **Mulher e literatura**. Niterói, 1991. Trabalho apresentado no IV Seminário Nacional.

LEENHART, J. & PESAVENTO, S. J. (Orgs.) **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

LIMA, L. C. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. **Aguarrás do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LOPES, E. M. T. História da educação e literatura: algumas idéias e notas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, p. 35-46, jul. 1998.

MATTOS, I. H. **Tempos de Saquarema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Acces, 1994.

NUNES, C. Um projeto de interpretação para a pesquisa em história da educação. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 124, p. 35-54, 1996.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

Notas

¹ Texto elaborado, a partir de pesquisa apoiada pelo CNPq, para o *IV Seminário Fontes para a História da Educação no século XIX*, promovido pelo Grupo História Educação e Modernidade – GHEM, realizado na UFES nos dias 09 e 10 de agosto de 2001.

² Vale a pena chamar a atenção, acho eu, para o fato de, também no âmbito da sociologia esta questão já tem uma longa história, retomada ultimamente, de uma forma muito interessante, por Ianni (1998)

³ A edição analisada inclui *O ermitão de Muquém* e *O garimpeiro*.

⁴ Este livro inclui, na edição original: *A cabeça de Tiradentes*, *Jupira* e *A filha do fazendeiro*.

⁵ Nas referências das obras de B. Guimarães, as datas que estão entre parênteses correspondem aos respectivos anos de publicação da 1ª ed. do livro.

Correspondência

Luciano M. de Faria Filho - Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG.

E-mail: lucianom@fae.ufmg.br

Recebido em 25 de novembro de 2005

Aprovado em 16 de fevereiro de 2006

